MPF
mocidade
portuguesa
feminina

JULHO 1940

Graduadas — Castelo Branco

SUMÁRIO

Obra das Mãis pela Educação Nacional

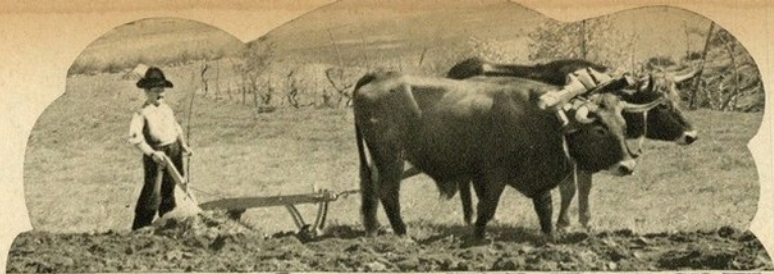
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8. — Telefone 4 6134 — Editora: Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.ºs 4 a 10 — Lisboa

PREÇO AVULSO 1$00

BOLETIM MENSAL

ASSINATURA AO ANO 12$00

N.º 15

LABOREMUS

Na manhã do dia em que havia de morrer, Marco Aurélio chamou o seu ajudante de campo, logo que os médicos saíram do seu quarto, e disse-lhes: **laboremus**: vamos trabalhar!

Chegam estas férias grandes num momento angustioso do mundo e da história. Nunca se tinha visto o que hoje nós estamos vendo. Quando se fizer a história do nosso tempo os críticos hão-de certamente focar aquela nota negra que eles hoje dão ao *ano mil*. Lá apareceremos com os esgares do terror, de um mêdo exquisito, como quem não soube orientar-se entre a balbúrdia universal.

Chegam estas férias grandes, quando todo o mundo se agita e se interroga sôbre o dia de àmanhã...

E tu, filiada da M. P. F., como compreendes a tua missão e, por isso, as tuas férias, numa hora tão incerta?

Férias para repoisar? Sim e... não.

Precisas de descansar. Oxalá que, na verdade, tenhas merecido êste descanso...

Mas o que tu não podes é fugir à obrigação que pesa sôbre quantos — e somos todos — são actores no histórico drama que está a desenrolar-se.

Hão-de falar de nós. Hão-de dizer se cumprimos ou não o nosso dever — cada um o seu dever. E assim nos acusarão de **fiéis** ou... **traidores**.

Escolhe. *Fiel* ao teu papel de rapariga portuguesa e cristã — ou

...*traidora* a ti mesma, à tua consciência, a Deus e a Portugal.

E a teres de escolher, é já. Amanhã será muito tarde. Hoje mesmo já é tarde. Já pecámos muito. Muito.

Estas tuas férias entram na tua vida. São tuas. Responderás por elas.

Quando há tanto sangue a correr e dores tamanhas no mundo, vais tu ser mediocre, fútil, leviana, egoïsta, boneca de vaidades, *bibelot* de praia ou menina parasita á moda do tempo: levantar a altas horas, fazer da noite dia, devaneios e sonhos e toleimas — e nem uma hora útil, e nem um pensamento digno, e nem um trabalho ou uma preocupação?

Parece que é segundo êste estilo a grande maioria das meninas 1940...

Só uma inconsciência tremenda pode autorizar o viver triste dessa gente que morre de tédio para aí, a servir de tropêço para os que desejam cumprir.

Vai então **cumprir** tu nestas férias.

Férias cheias: alegres — sem remorsos de espécie alguma.

É urgente que regresses contente: saúde no corpo e na alma.

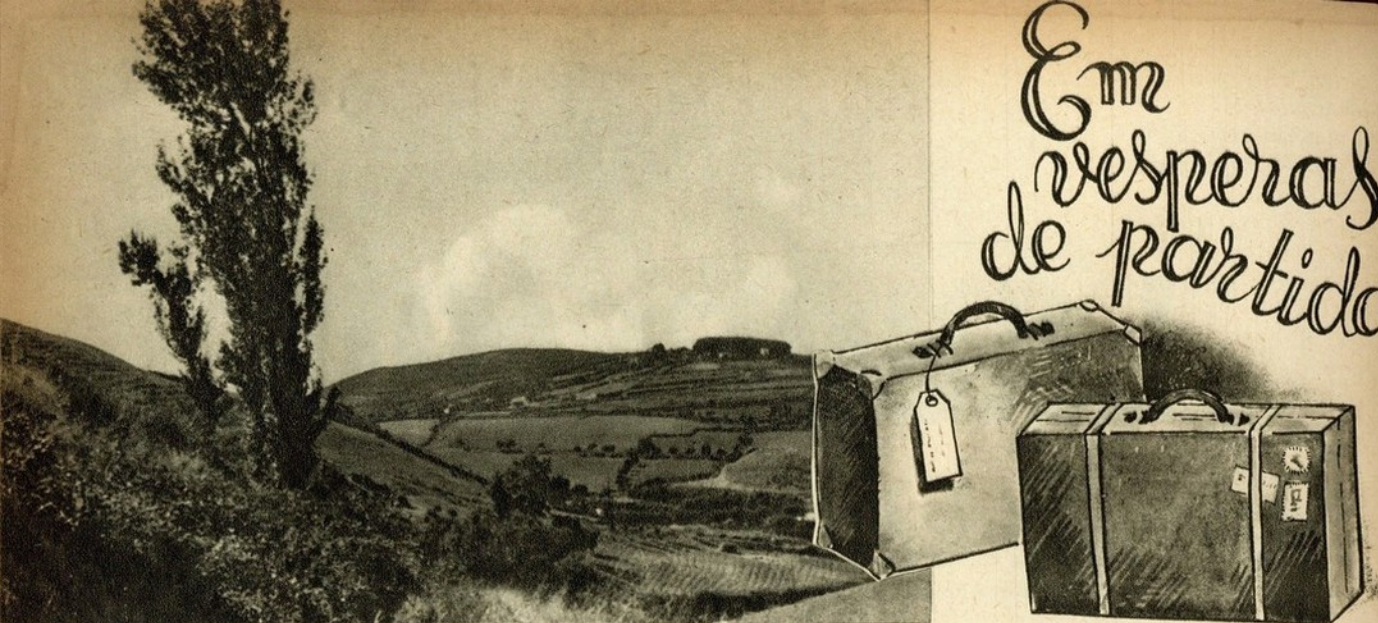
Mais: é necessário que por onde passes deixes saúde, semeeis saúde à tua volta.

Laboremus: ide trabalhar em férias.

Trabalho diferente embora, mas... trabalho.

Enchei os vossos dias. Á noite, quando fizerdes as contas do dia, vêde que não vos encontreis nunca com as mãos vasias, quero dizer: com o coração triste e a alma envergonhada...

G. A.

Em vesperas de partida

Estão a aproximar-se as férias. Nós, que temos a dita de partir, devemos dar graças a Deus que nos proporciona êste tempo de descanço.

Depois dum ano de trabalho no ambiente enervante duma cidade, a nossa saúde está a precisar de ares mais lavados e de repouso; e a nossa própria alma anceia por uma vida mais simples, de maior paz e alegrias mais puras.

Aproveitemos bem as nossas fèrias.

Rapariga da «Mocidade» que lês estas linhas: durante as tuas férias, escuta todas as vozes que chamam por ti e te aconselham.

Ouve a voz das aves qne te despertam com os seus cantos e não sejas preguiçosa — levanta-te cêdo! As horas da manhã são as melhores para passear.

Ouve a voz do sino que ao domingo te traz o convite de Deus, que te espera na sua casa, Ele que é Pai e gosta de ver todos os filhos reünidos à sua roda.

Ouve a voz do teu próprio coração que te diz que nas férias deves viver mais intimamente para os teus, de quem, durante o ano, andas talvez tão afastada, tu nas aulas e êles nos seus afazeres...

Ouve também a voz da caridade e no lugar das tuas férias passa fazendo o bem, interessando-te com simpatia pelos pobres e humildes.

És nova; ouve a voz que canta em ti a alegria de viver: gosa as tuas férias — plenamente — mas escolhe as tuas companhias e os teus divertimentos: não transijas com nada de mau!

Não feches os ouvidos à voz do teu emblema da «Mocidade» — que deves trazer sempre sôbre o peito — e te repete sem cessar que tens o dever de dar *bom exemplo!*

E neste ano áureo dos Centenários, recolhe na tua alma a voz dos séculos... Ouve a voz dos grandes portugueses que engrandeceram a nossa Pátria e lembra-te que, embora na tua pequenês não possas chegar ao céu para acender, como êles, estrêlas novas na via-lactea da História de Portugal, podes servir a Nação, sendo tu própria uma luzinha que outros sigam!

Maria Joana Mendes Leal

Enganar-se-ia quem pensasse que a «Mocidade» é apenas a exterioridade da farda, dos guiões e bandeiras. A «Mocidade» tem a sua vida intima e edificante, que se conserva habitualmente escondida, mas que convém de vez em quando manifestar, como queremos fazê-lo hoje, contando a caridade delicada e generosa com que as filiadas de Lisboa assistiram a uma camarada doente.

Era do Alentejo. Pobrezinha. Operada da apendicite, tinha acabado por se tuberculisar. Internada num hospital de Lisboa, a Delegada da sua Provincia escreveu à Delegada Provincial da Estremadura pedindo para a M. P. F. lhe dispensar assistência moral e material.

Nêsse mesmo dia, a Delegada Provincial da Estremadura a visitou no Hospital e indagou das suas necessidades e, de acôrdo com a Sub-Delegada de Lisboa, organisaram-se grupos de filiadas que diariamente passaram a visitar a doente e a levar-lhe a alimentação, procurando satisfazer os seus apetites.

«Boca que pedes, coração que desejas...» Inclinadas sôbre o leito da doentinha, as suas camaradas recolhiam todos os seus pedidos e procuravam adivinhar os seus desejos.

A generosidade da «Mocidade» estendeu-se à própria familia da filiada, proporcionando-lhe uma vinda a Lisboa para visitar a doente.

Mas a pequena não melhorava, apesar de não lhe faltarem cuidados e carinhos; sentindo-se muito mal, pediu para regressar a casa. O médico, considerando o caso liquidado — previa-lhe apenas alguns dias de vida — deu-lhe alta, satisfazendo o desejo da doente. E foi ainda a «Mocidade» que lhe arranjou a automaca que a conduziu para a terra.

Mas Deus não tinha ainda marcado a sua hora... Quási miraculosamente, a rapariga melhorou. Na «Mocidade» a noticia foi recebida com alegria e cá de longe, numa fraternidade carinhosa, continuaram a interessar-se por ela, enviando-lhe auxilios para a sua convalescença.

Como é consolador ver nas nossas raparigas êstes sentimentos de caridade que nos mostram os frutos dos principios elevados e das virtudes sólidas em que vão sendo formadas dentro da «Mocidade»!

Relação das benemerências feitas à M. P. F.

Oferta de 34 uniformes completos ao Centro n.º 36 da Ala 2 (Lisboa) — Escola Primária Oficial n.º 36 feita pelo Ex.mo Senhor Governador Civil de Lisboa

Subsidio de 100$00 à sub-Delegacia de Olhão, concedido pela Câmara Municipal de Olhão

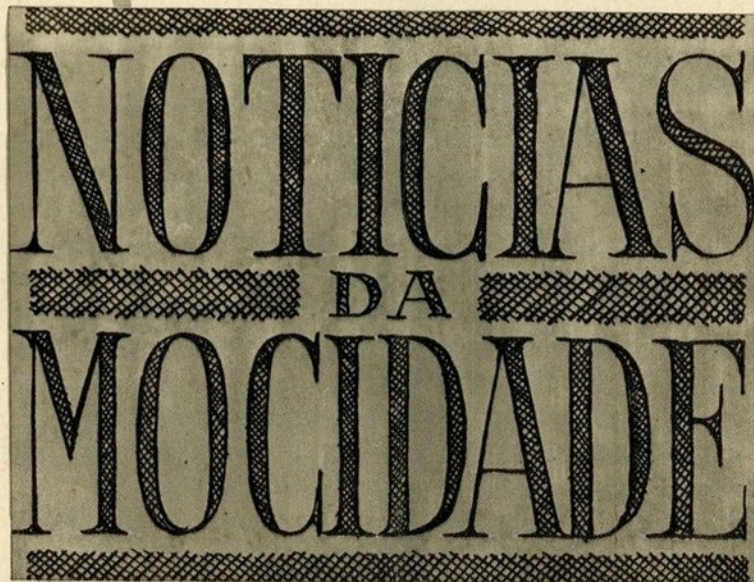
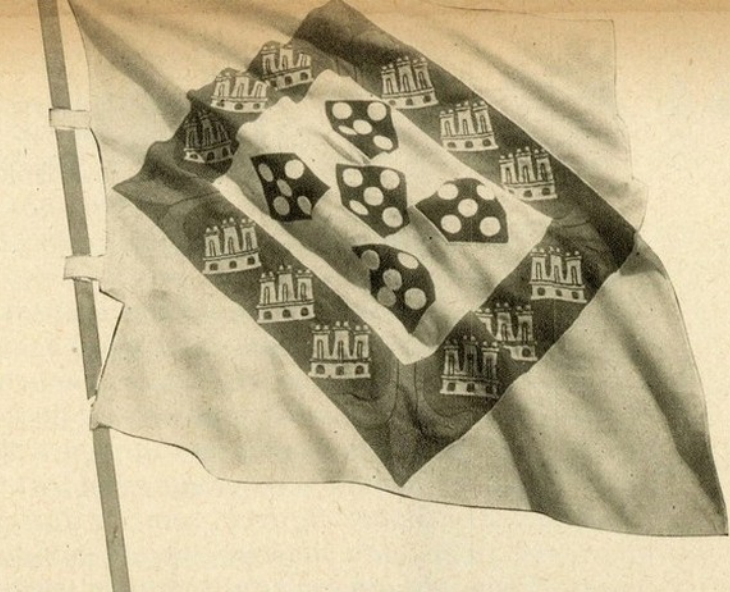
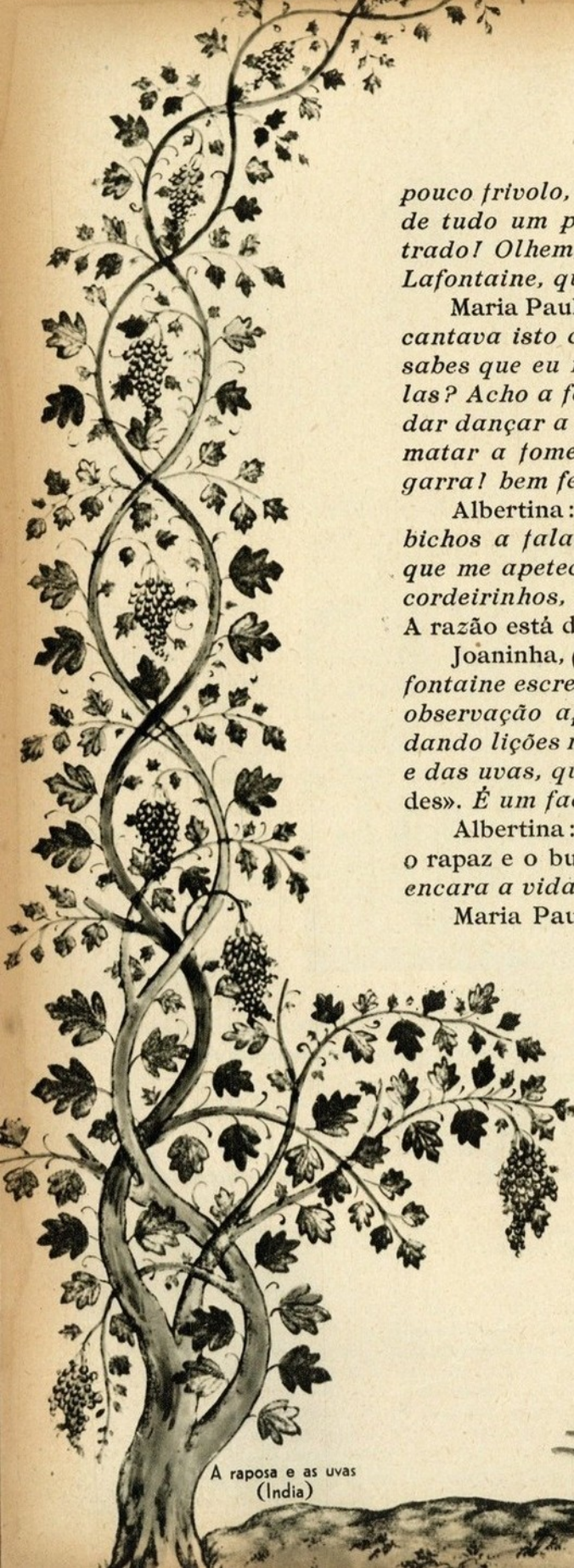
Subsidio de 500$00 concedido à Delegacia do Minho pela Câmara Municipal de Braga

Subsidio de 2.500$00 concedido ao Centro n.º 64, que funciona na Escola Industrial Marquês de Pombal, da Ala 2, pelo Ex.mo Senhor Engenheiro Álvaro Lino Jorge, Director da mesma Escola

Subsidio de 1.500$00 concedido à Delegacia do Alto Alentejo pela Junta da Provincia do Alto Alentejo

Subsidio de 1.500$00 concedido à Delegacia do Baixo Alentejo pelo Ex.mo Senhor Governador Civil

Subsidio de 1.500$00 concedido à Delegacia do Baixo Alentejo pelo Ex.mo Senhor Presidente da Câmara de Beja

Juntas de freguesia que forneceram gratuitamente fardamentos a filiadas pobres. Em Fevereiro de 1939: *Anjos, Santa Isabel, S. Sebastião da Pedreira, Penha de França e Monte Pedral.* — Em Fevereiro de 1940: *Penha de França, Arroios, S. Sebastião da Pedreira, Santa Isabel e Santa Catarina.*

Joaninha *(folheando o Boletim da Mocidade): O nosso jornal realmente é amoroso. Não é massudo, a impingir-nos só moral, nem tão pouco frívolo, falando ùnicamente de receitas de belesa. Tem de tudo um pouco, e depois, está tão engraçadamente ilustrado! Olhem, hoje até traz reproduzidas estas Fábulas de Lafontaine, que todas nós lemos e até decorámos.*

Maria Paula *(trautêa:* «La cigale ayant chanté»*). Em menina cantava isto com a minha mestra de francês. Oh, Joaninha, sabes que eu não concordo muito com a moral destas fábulas? Acho a formiga uma velha rabugenta, e aquilo de mandar dançar a pobre cigarra, sem lhe dar um grãosinho para matar a fome, não mostra grande caridade! Simpática cigarra! bem fez ela em cantar todo o verão! Viva a alegria!*

Albertina: *para mim, fábulas são boas para crianças; bichos a falar!... O lobo e o cordeiro, por exemplo; quási que me apetece mais ser o lobo... Vocês não acham que os cordeirinhos, hoje em dia, são comidos mais do que nunca?* A razão está do lado do mais forte. *E eu dispenso ser comida.*

Joaninha, *(ri francamente): também ninguém diz que Lafontaine escrevesse um tratado de perfeição cristã. Mas revela observação apurada das fraquezas humanas; e, rindo, vai dando lições morais; quantas vezes não me lembro da raposa e das uvas, quando vejo desdenhar de coisas boas :* «são verdes». *É um facto.*

Albertina: *Esta que aqui vem no nosso jornal :* — O Velho, o rapaz e o burro — *está boa para nós três; cada uma de nós encara a vida dum modo diferente.*

Maria Paula: *«E o mundo ralha de tudo».* De mim, *porque ando a cavalo no burro e deixo o velho a pé! Não é assim? Vocês reparem: eu aproveito para mim o que há de bom na vida, sou a juventude que se quer divertir, os outros que tenham as massadas. E são todos a falar : «Parece impossível, uma rapariga que só pensa em si e não se lembra dos que vieram antes e sentem o cansaço da vida».*

Abertina *(atalhando): E de mim o que dizem? «Que não olho ao bem dos outros, nem ao meu... Que despreso a opinião e sou capaz, para me tornar singular, de fazer originalidades: carreguemos homens com o burro...» Ou então, se me dá geito, carrego nas crea-*

A raposa e as uvas
(India)

FABULAS!

A cigarra e a formiga (China)

turas, que deviam ser auxiliares e não vitimas. Como diz S. Inácio: as creaturas...

Joaninha: *as creaturas devem ser degraus que nos levam até Deus e não obstáculos no caminho do bem. São para uso e não para abuso.*

Mas deixemo-nos de conversas de retiro!

E visto eu ficar só com dois dilemas para mim, deixo o burro para os velhinhos e para os pobres, e se o mundo rir dos meus sacrifícios, rio eu também; não acham que devemos procurar ceder o melhor para os outros?

E também sou boa para os bichos, quando os posso aliviar, faço-o.

Maria Paula *(rindo); e ouves então: «qual é o mais burro dos três?»*

Joaninha: *posso responder: «vozes do dito, etc.» Mas não; procuro viver a minha vida de rapariga da Mocidade sem me prender nem de mais nem de menos com os juizos alheios.*

Albertina: *Eu ralo-me bem com a opinião!... Sigo o meu caminho, gostem ou não os outros.*

Maria Paula: *Não digo bem o mesmo; eu fecho os ouvidos ao ralhar dos antiquados, mas não deixo de escutar o que me diz a moda, detestava que pensassem que eu andava fora dela.*

Joaninha: *Pois eu faço por ouvir a voz da consciência e de ser em tudo digna da minha farda.*

Não procuro os aplausos, nem receio as censuras injustas. Uso ou não uso o burro, conforme a necessidade, ou as circunstâncias. Quem diria ao velho Lafontaine *que daria assunto de conversa para três «Mocidades?!»*

V. P.

O velho, o rapaz e o burro (India)

O lobo e o cordeiro (França)

Lisboa

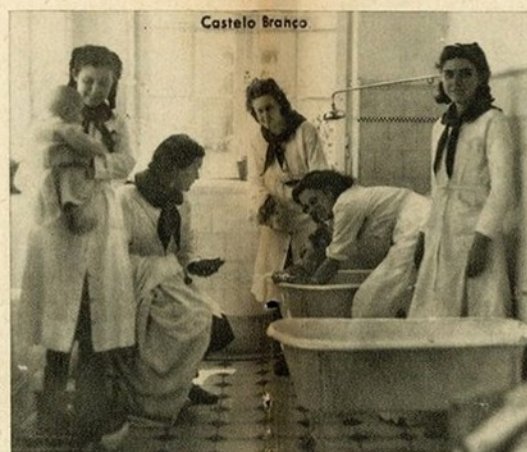
Algarve

REUNIMOS HOJE NESTAS PÁGINAS FOTOGRAFIAS DE VÁRIOS **CURSOS DE GRADUADAS** QUE NOS FORAM ENVIADAS DE VÁRIAS DELEGACIAS DO PAÍS.

POR TODA A PARTE AS AULAS DE **ENSINO DOMÉSTICO** E **PUERICULTURA** TIVERAM UM CARÁCTER PRÁTICO QUE AS TORNOU VERDADEIRAMENTE ÚTEIS E INTERESSANTES.

Pôrto

Castelo Branco

Pôrto

Castelo Branco

BRIANDA

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

(CONTINUAÇÃO)

SEGUNDO QUADRO
(3 anos depois, em 1640)

(O Palácio de D. Álvaro de Menezes. E' a noite dos anos de Duarte. Depois do jantar, nas salas. Criados circulam com bandejas de chá, etc.
Fidalgos, senhoras, padres, mêsa de jôgo a um canto, um cravo. Luxo e bom gôsto. Num grupo joga-se. Do outro lado estão as meninas, Brites Maria, Catarina e os rapazes, em círculo.

Fidalgos, D. Joaquim, Duarte, Brites Maria, senhoras, meninas

UM PADRE *(tomando rapé, conversando com D. Joaquim)* — A Fé é que há-de salvar a Nação Portuguesa.

D. JOAQUIM — Eu, por mim, espero sempre o melhor...

UM PADRE — E não há mal que não acabe, bem o sabeis.

1.º FIDALGO *(num grupo)* — Dizeis vós que foi baldada a revolta do Manuelinho há três anos? Não o creio: foi um brado que soou de norte a sul! E se bem que êle era uma espécie de doido...

3.º FIDALGO — Quem terá disso a certeza?

2.º FIDALGO *(triste)* — Sessenta anos de jugo, olhai que é demais... E que jugo tem sido! Bem pesado, meus amigos... E que dizeis dos últimos impostos? Tudo para favorecer castelhanos!

1.º FIDALGO *(baixo)* — Agora, Deus louvado, é questão de dias. Sanches de Baena e João Pinto Ribeiro...

3.º FIDALGO *(baixo)* — Calai-vos, amigos; não achais preferível que numa função destas falemos só de coisas sem importância?

MENINAS *(rindo muito, falando todas ao mesmo tempo)* — Vamos aos jogos de prendas! Isso não! Vamos antes dançar... Mas quem há-de tocar o cravo? Só se fôr a Brites Maria! Ninguém o tange como ela! Queres, Brites Maria? Vai, vai, não te faças preguiçosa!

RAPAZES — Dançar, dançar! Dancemos a Pavana!

DUARTE *(a Brites Maria)* — Não achais melhor conversar?

UMA MENINA — Não, não, primo Duarte, vamos antes à Pavana!... *(começam a tentar formar os pares).*

D. JOAQUIM *(que anda de grupo em grupo)* — Acho-te tristonho, Duarte! Quem dirá que êle faz hoje 20 anos? Ai, êsse coração, êsse coração... *(rindo)*. Não baterá êle mais do que é preciso? Os olhos da linda Catarina não serão disso culpados??

DUARTE *(triste)* — Enganai-vos, primo!... Ando triste, é verdade; mas quem poderá folgar e ser alegre vivendo, como vivemos, sob o jugo dos castelhanos? Pensai que nunca cheguei a conhecer um Portugal livre! E como me parece diferente da Pátria de Nun'Álvares a nossa Pátria de hoje...

D. JOAQUIM — Mas é que em nós vive sempre a esperança, Duarte! A esperança...

UMA MENINA *(convencida)* — Num milagre de Nossa Senhora!

CATARINA *(confidencial)* — Ou na volta do Encoberto...

UMA MENINA — Isso! Isso!

DUARTE *(pensativo)* — O Encoberto não é já dêste mundo. E a minha esperança está tão longe de mim...

UMA MENINA — Oh primo Duarte!

CATARINA — Chega a parecer pecado!

D. JOAQUIM *(alegre)* — Pois olhai que a esperança é, por vezes, o que faz viver criaturas quási sem vida. Assim, eu sei de um caso...

TODOS *(rodeando D. Joaquim)* — Conte lá, D. Joaquim! Diga, primo!... Dizei, dizei!

D. JOAQUIM — Para o Convento da Visitação, veiu, há tempos, uma senhora, minha prima, (uma santa como outra não há...) Pois, imaginai vós, que a pobre senhora (que já só tem a pele sôbre o osso e come como um passarinho) perdeu uma filhinha há uns 18 ou 19 anos ou mesmo mais, quando vivia no seu solar da Beira.

1.º FIDALGO *(aproximando-se)* — Morreu essa criança?

D. JOAQUIM — Não se sabe. Escutai. A criancinha desapareceu do jardim sem se saber como; mas quantas crianças há que desaparecem por êsse mundo? Julga-se que foi roubada por ciganos, pois infestavam a província nêsse tempo.

UM PADRE — Essa gente parece ter afinidades com o demónio!

UMA SENHORA — Pobre Mãi...

D. JOAQUIM — O que é mais extraordinário é que a minha prima conserva no seu triste coração não só a *esperança* de tornar a vêr a filha, mas a *certeza* absoluta de que um seu velho escudeiro lh'a há-de trazer um dia! Há anos e anos que o escudeiro saiu de casa; e nunca mais apareceu, nem a minha Prima sabe se êle é morto ou vivo. Se não morreu, o pobre homem anda por todo Portugal em busca da criança...

UMA MENINA — Parece um *rimance!*

DUARTE — Passados tantos anos, essa menina é hoje uma mulher! Terá, talvez, a idade de Catarina. E como vive a sua Prima? De cama? Doente?

D. JOAQUIM — A vida da pobre senhora é estranha. Nunca vê ninguém de fóra do Convento. As Freiras rodeiam-na de cuidados e todas as manhãs ela pregunta: o *Escudeiro já trouxe a menina?* Como se isso fôsse uma coisa certa, certíssima! Que seria dela se a não amparasse a esperança? E' o que a mantém em vida. E, coitadinha, esqueceu de todo o nome da filha!! Preguntei-lh'o um dia, respondeu-me: Mi!

2.º FIDALGO — Está fóra de si, em todo o caso: e olhai que não será fácil a tal menina aparecer...

UMA MENINA — Pobre senhora, que tristura!

MENINAS — E a Pavana? Vai para o cravo, Brites Maria; tu tocas com tanta graça! *(Brites Maria dirige-se para o cravo).*

BRITES MARIA — Com gôsto vou tocar a Pavana. *(Pára a falar com Duarte).*

DUARTE *(pegando-lhe na mão)* — Que pena, Brites Maria: queria pedir-vos para dançardes comigo. Não podeis recusar-me... Outra pessoa irá tanger o cravo.

BRITES MARIA *(maliciosa)* — Tendes tantos outros pares, Duarte, de mais valor do que eu.

DUARTE *(grave)* — Sabeis bem que só *um* me agrada, Brites Maria. E quero dizer-vos...

BRITES MARIA *(atalhando)* — Não, não, Duarte...

DUARTE *(carinhoso)* — Porque me não deixais falar, Britesinha?

BRITES MARIA *(tristemente)* — Duarte, que quereis de mim? Bem sabeis que embora sejamos companheiros de brinquedos, eu nem sequer sei quem foram os meus pais...

DUARTE *(grave)* — Querida Brites Maria, eu só quero dizer-vos, no dia dos meus 20 anos: que vos amo... E no dia em que conseguir saber quem foram, ou quem são, os vossos verdadeiros pais, nesse dia feliz...

BRITES MARIA *(comovida)* — Duarte!...

DUARTE — Para mim, sois já a minha noiva adorada: mas nesse dia feliz, repito, trar-vos-ei aos meus pais como a minha futura mulher!

CATARINA, MENINAS e RAPAZES — Então a Pavana, Brites Maria? Duarte, deixai-a tocar e vinde dançar também! *(Preparam-se os pares; Brites Maria senta-se ao cravo e toca. Começam os pares a dançar, menos Duarte).*

DUARTE *(aproximando-se de D. Joaquim)* — E a vossa Prima disse-vos a idade que tinha a filha quando desapareceu?

D. JOAQUIM *(rindo)* — Pois quê, em lugar de cortejares as meninas, de dançares a Pavana, de rires com a gente nova, estais pensando na minha pobre prima?!... Ora, ora, ora! *(Afasta-se, rindo).* Mas olha tu Duarte, que já por vezes tenho pensado se a gentil Catarina, que sua santa mãi acolheu e educou não será a filha de minha Prima? Bem do nosso sangue parece ela... *(Afasta-se).*

DUARTE *(de si para si)* — Catarina? Brites Maria? Que loucos pensamentos me vêm à ideia... *(Segue a Pavana tocada por Brites Maria e dançam muitos pares. Duarte fica à direita, pensativo...* Enquanto o Pano desce devagar, acabada a Pavana).

TERCEIRO QUADRO

CÊNA I

(Em casa de Mestre Fernão, Brianda, Bernarda, o Cégo. À tarde. Brianda está a costurar, sentada no vão da janela. A «sala de fóra» duma casa modesta.

Entra MESTRE FERNÃO — Brianda, minha filha, o que vou dizer-te é grave: És uma criança, ainda; mas eu sei que a tua alma é patriota deveras, e bem portuguesa!

BRIANDA *(levantando-se entusiasmada)* — Meu Pai, meu Pai, chegou o dia da nossa Liberdade?...

MESTRE FERNÃO *(baixo)* — Chegou! Os fidalgos tudo combinaram e de Vila Viçosa veiu o Duque, que é o senhor D. João IV, rei de Portugal! Amanhã Portugal será para sempre independente! E como esta noite não fico em casa, distrai tua Mãi, que é curiosa, e que anda desconfiada... *(Beija-a).* Adeus, Brianda, minha Filha! Quando nos tornarmos a vêr, já tudo estará acabado!

BRIANDA *(beijando)* — E se não vencerem, Virgem Nossa Senhora... Quanto anceio pelo dia de amanhã... Que Deus seja convôsco todos, meu Pai! *(sai Mestre Fernão. Ouve-se o cego afinar a guitarra. Brianda reza baixinho).*

BRIANDA *(debruçando-se à janela, como que acordando)* — Sois vós, Tio Manel?

VOZ DO CEGO — Cá estou, mocinha, cá estou. E vou hoje cantar-vos um fadinho novo...

BRIANDA *(pensativa)* — Cantai, cantai... Como se chama a vossa cantiga?

O CEGO — Tem nome: a «Triste Donzelinha» — E escutai bem, que é uma história de verdade! *(canta).*

Ai que casal tão feliz
Naquele «palaiço» além
Que donzelinha formosa
De seus pais o maior bem. } *bis*

II

Outra ventura não tem
Maior que aquela criança
D'orar p'la linda menina } *bis*
A pobre Mãi não se cança.

III

Com seus negros caracois
Corre a menina a folgar,
Olha por ela o escudeiro } *bis*
Que a Mãi já soube criar.

IV

BRIANDA *(interrompendo)* — Como sabeis que é de verdade a vossa história?!

O CEGO — Escutai, mocinha, escutai:

Brincai, brincai donzelinha
Vosso brincar inocente
Não tardará que sejais } *bis*
Chorada por tôda a gente.

V

Mas nisto, ó hora tremenda!
O demónio a viu brincar,
Fecha os olhos ao escudeiro } *bis*
Foi a menina agarrar!

BRIANDA *(gritando)* — Tio Manel!

O CEGO

Chorai, chorai donzelinha
Quantas lágrimas podeis
Que aos pais fôstes roubada } *bis*
E nunca mais os vereis.

BRIANDA — Escutai, Tio Manel!

O escudeiro encarnecido
Perdeu p'ra sempre a alegria
P'la menina que roubaram } *bis*
Chora o pobre noite e dia...

(Brianda ergueu-se num pulo e corre à porta. A cena escurece pouco a pouco).

BRIANDA — Tio Manel, tio Manel, quem vos contou essa história? Foi um velho de barbas brancas? Dizei! Como sabeis que é de verdade? Dizei prestes, Tio Manel!

O CEGO *(admirado)* — Porque vos amorfinais assim, môça? Quem ma contou foi um bolieiro e não se me consta que êle seja barbudo...

ENTRA BERNARDA — Não me falem em barbudos, que há por 'hi um de mau agoiro...

O CEGO — Menina, menina, que quereis saber? A minha cantiga é história certa, isso é que ela é... Mas parece que foi coisa muito antiga, sucedida na província já há muitos anos! Alguém n'a contou por certo ao bolieiro que ma contou a mim; e eu fiz a versalhada cá ao meu geito, percebeis? Que qu'reis mais saber, menina?

BRIANDA *(Pensativa)* — Quem sabe há quantos anos sucedeu? Quem sabe onde? Quem poderá sabê-lo? Meu Deus, meu Deus...

BERNARDA *(curiosa, ao cego)* — Que história é essa, ó cèguinho? Como reza a sua cantiga? Cantai lá o fadinho p'ra o eu escutar também.

O CEGO — Reza assim no acabar: *(cantando).*

O escudeiro encarnecido
Perdeu p'ra sempre a alegria
P'la menina que roubaram } *bis*
Chora o pobre noite e dia.

BRIANDA *(resoluta)* — Há lances que, de repente, nos abrem os olhos. *O escudeiro encarnecido que chora noite e dia* não será o velho que por aqui passou há anos? Meu Deus, meu Deus, quem tal soubesse! Quem tal pudesse saber... *(dá a esmola ao cego).* Tomai, Tio Manel, tomai.

BERNARDA *(com desdém)* — Uma criança roubada, um escudeiro a chorar... Cantigas, menina, cantigas! Umas rezam assim, outras rezam assado. Eu cá me vou para a Conceição Velha, antes que lá chegue o tal das barbas; cruzes canhoto! Ali se encaixa há anos e apanha as esmolinhas que eram para mim, o malvado! E não tenho geitos de lhe acabar com o desafôro. O estafermo mudou-se d'Alfama p'ra Mouraria; mas do meu nicho é que se nunca muda...

BRIANDA *(excitada)* — E' um velho alto, Tia Bernarda, muito magro e sêco? *(A voz do Cego vai-se afastando a cantar).* Tia Bernarda, dizei-me onde mora êsse velho, e ganhareis um bom cruzado! Ou trazei-o cá, tia Bernarda, e serão dois ou três cruzados que recebereis... Sabeis vós onde êle mora?

BERNARDA — Lá por essa não seja a dúvida, que eu vi-o entrar num casebre da Mouraria. Mas trazê-lo? E' mais teimoso qu'a um burro. *(Entre Duarte).* E que hei-de eu dizer--lhe, menina, para o convencer a vir comigo? Se calhar não lhe praz vir...

ENTRA DUARTE *(depressa)* — Brianda onde está teu pai? *(É quási noite).*

BRIANDA *(fazendo-lhe sinal para esperar)* — Tia Bernarda, dizei-lhe... que talvez seja achado a *sua menina.* Se êle vier, é porque... Ide, ide sem tardança que apanhareis bons cruzados — ainda mais de três!... *(Sai Bernarda).*

DUARTE *(impaciente)* — Onde está teu pai, Brianda?

BRIANDA *(baixo)* — Senhor D. Duarte, meu pai já não torna a casa esta noite?

DUARTE *(impressionado)* — Bem m'o dizia o coração. O meu pai também está fora! E meus Tios! E meus primos! E eu aqui!... Onde será hoje a reünião dêles todos??... Será no Palácio de D. Antão? Será em Xabregas? Minha Mãi nada me quiz dizer...

BRIANDA *(radiante)* — A nossa Pátria ficará livre, senhor D. Duarte? Voltarão os Castelhanos finalmente para Castela?

DUARTE *(hesitante)* — Ainda queria fazer-te outra pregunta...

BRIANDA *(baixo)* E eu tenho também novas para vos dar: sabeis que aqui perto, na Mouraria, mora um velho que eu julgo ser...

DUARTE *(agarrando-a)*—Quem? Quem?...

BRIANDA — Talvez aquele velho de quem Brites Maria se recorda? Lembrai-vos da sua impressão, há três anos? Não vos recordais?! Ao vêr passar o tal homem de barbas brancas?

DUARTE *(exaltado)* — Bem sei que há muitos velhos por êsse mundo fora, Brianda. Mas... Tenho hoje o coração tão cheio de esperanças alegres... A minha Pátria! O meu Amôr!

BRIANDA — Escutai-me, senhor D. Duarte, que a noite está a cerrar, a minha Mãi vem prestes; e, amanhã... amanhã... *(sorri extasiada).*

DUARTE *(com entusiasmo reprimido)* — Ó Brianda! Será possível que acabe êste pesadêlo de 60 anos?... Querida Pátria que eu *nunca* conheci livre!

BRIANDA *(comovida)* — Portugal... português para sempre!!!

DUARTE — Quando me ponho a ler as velhas crónicas, Brianda, e comparo aqueles tempos com os de hoje, faz-me uma tal vontade de chorar, que chego a fechar-me na câmara para deixar correr as minhas lágrimas...

BRIANDA *(baixo)* — Tudo isso acabou senhor D. Duarte, tudo isso está acabado na... manhã de amanhã! *(convencida)* — Disse-o o meu Pai; e bem sabeis que êle tem tôda a confiança dos Fidalgos...

DUARTE *(grave)* — Bem o sei, Brianda; mas que noite anciosa ainda temos de passar...

BRIANDA — E que mais me querieis dizer, senhor D. Duarte?

(Conclui no próximo número)

PÁGINA DAS LUSITAS

ERA UMA VEZ...

Luís Cebolão, o **Fanfarrão**

O doutor Zé Cebolão
Tinha um filho fanfarrão.
Na escola onde êle andava
(E onde pouco estudava)
Já era bem conhecida
Toleima tão aborrecida.
Se discutiam a guerra
E os p'rigos que ela encerra
Lá estava o Cebolão
E o seu modo fanfarrão
Com tôda a fôrça a gritar:
«Ai quem me dera lá 'star!
«Eu o medo não conheço!
«E a cruz de guerra mereço
«Quando um dia fôr p'ra a frente
«Aventuroso e valente!»
Nessa altura, um ratinho
Espreitou d'um buraquinho;
E com um ar timorato
Avançou... «olhem um rato!»
Gritou logo um dos rapazes
«Oh Cebolão, tu que fazes?!»
Exclamou o companheiro
Do tal futuro guerreiro.
Sem vergonha, o fanfarrão
...Fugia pelo salão!!

Charadas e Adivinhas

É um cantinho europeu
que aparenta pequenês;
Mas se o estudarmos vemos
Quão enorme êle se fez!

Estendeu-se pelo mundo
Ensinou religião;
Penetrou terras selvagens
Levou-lhes seu coração!

Hoje é a Pàtria ditosa
D'uma gente de valor:
Qual é a coisa qual é ela
A quem damos nosso Amor?

—

Minhas azas são bem fortes
Mas não servem p'ra voar.
Suporto grandes calores
Sem por isso me queimar.

E quem quizer boa sopa
Sem ao tempêro fugir
Para a fazer a preceito
De mim se há-de servir!

—

Logo a seguir (1 silaba)
Àquele parvo (2 silabas)
Está um dos companheiros de Cristo

* * *

Bôa não é (1 silaba)
Séria não estava (2 silabas)
Mas não estará no Céu coroada?

N. B. — **As respostas ao Concurso das Lusitas bem como as soluções das charadas vêm publicadas na última página.**

A Lusita nunca deve:

- *deixar de dar o seu lugar no eléctrico às senhoras de respeito.*
- *ir a falar alto na rua e nos eléctricos: é um costume muito ordinário.*
- *deixar de responder às cartas que recebe.*

A seguir às ***Aventuras de Rosa Teimosa*** a Página das Lusitas vai publicar uma história sensacional, chamada

A CORAGEM DE TERESA TELES

(Vida agitada de uns portugueses na América)

AVENTURAS DE ROSA TEIMOSA

O capitão resolvera, logo que chegasse a Nova York, ir falar ao consul de Portugal e entregar-lhe a pequenita; para que oficialmente se participasse para Lisboa todo aquêle drama e os pais viessem buscá-la.

E Rosa, com os carinhos de que todos a rodeavam e a ideia de voltar breve para junto dos seus, passava dias felizes a bordo do grande navio, não esquecendo nunca a visita diária, na 3.ª classe, aos bons pescadores do «Santa de la Mar» a quem devia mais do que a vida: a liberdade!

* * *

O Dr. Menezes conseguira, enfim, descobrir o acampamento cigano perto de Cadiz e prestes a partir para a longinqua Hungria berço da sua raça nómada. Mas não conseguiu chegar a um entendimento com a velha Mikal, astuta e incapaz de trair qualquer dos seus irmãos de raça...

O interesseiro Zógar, porém, viu uma mina na história de Rosa — Zuleima e resolveu tirar partido de todo aquele caso.

— Preciso de falar ao rapaz do urso — declarou o Dr. Menezes, apenas entrou na enorme barraca onde tudo se preparava para a partida.

Mas Omar, na outra barraca onde estavam os animais nada ouviu; e Mikal, avançando para o visitante, preguntou:

— Que queres de Omar, senhor? Não está cá nêste momento, nem tão cêdo poderá vir.

— Preciso de o interrogar a respeito da pequena que roubaram em Lisboa — disse o doutor Menezes, severamente.

Mikal levantou os braços e respondeu:

— Nada disso foi connôsco senhor. Estás enganado.

O Dr. Menezes, tornou:

— Não vale a pena mentir. Onde está o rapaz do urso?

Foi nessa altura que Zógar passou, vagarosamente, por traz da velha cigana e fez um sinal imperceptivel ao Dr. Menezes, que saiu da barraca sem dizer mais nada.

A uns cinqüenta metros surgiu-lhe Zógar que lhe tocou no braço...

— Quanto paga para saber? — preguntou o cigano.

— Muito dinheiro!... mas quero falar com o rapaz do urso.

Zógar tornou com um sorriso velhaco:

— Era sua a menina?

— Sabes dela, malvado?

— Talvez... — murmurou Zógar.

O Dr. Menezes, ansiosamente, meteu-lhe na mão negra e cabeluda, umas moedas de prata...

Zógar entrou na barraca dos animais e voltou com Omar daí a minutos.

— Diz o que sabes, rapaz, e não te hás-de arrepender!... — suplicou o Dr. Menezes.

Mas Omar depois de contar a fuga de Rosa no barco, preparada e ajudada por êle, nada mais sabia... E os seus olhos negros marejaram-se de lágrimas.

O Dr. Menezes, profundamente comovido quis dar-lhe uma nota de cem pesetas mas o rapaz, indignado, declarou;

— Todo o dinheiro que eu tinha dei à adorada Rosita; e se mais tivesse para ajudar a encontrá-la, mais dava...

— Graças a ti, Omar, tenho esperança de tornar a vêr a minha filhinha — respondeu o Dr. Menezes — que Deus te abençôe pelo teu bom coração! — e apertou-lhe a mão com força, saindo do acampamento.

Um profundo desespêro se apoderava pouco tempo depois do pobre pai; pois conseguira saber que o único barco de pesca que saíra de Cadiz naquela noite... desaparecêra no mar, sem que se soubesse mais dos seus tripulantes!

Havia a certeza, quási, de que a frágil embarcação naufragara.

Voltou para a sua casa de Lisboa mergulhado numa dôr profunda; e todos se convenceram que a pobre Rosinha morrêra no mar. Os tristes pais vestiram luto pesado e choravam dia a dia a filha perdida.

Durante êsse tempo, Rosa seguia no vapor a caminho da América e deviam chegar nessa tarde a Nova York.

Sem avaliar o drama que se desenrolava em casa de seus pais e pensando só na enorme alegria que seria a sua quando chegasse a casa, Rosa gosava aqueles dias a bordo e encantava todos com a sua alegria e a sua graça.

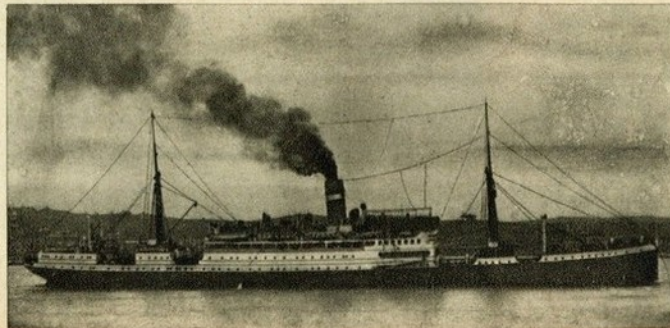
Esquecera, quási, a aventura dos ciganos, a fome que passára, a imundicie em que vivera, os maus tratos que sofrera de Miriam e de Zógar.

E só pensava agora no futuro que lhe aparecia alegre e feliz.

Á chegada a Nova York, o bom capitão chamou-a e disse-lhe, em inglês:

— Miss Rose, já mandei um rádio de bordo e deve vir buscá-la alguém da parte do cônsul de Portugal.

Rosa, radiante, saltou ao pescoço do comandante e correu até a amurada a vêr o vapor entrar, vagorosamente, no porto de Nova York.

(Continua no próximo número)

O LAR

Como se deve estar à mesa

Costuma dizer-se que a educação se conhece à mesa.

Parece-nos, pois, útil dizer-vos também «como se deve estar à mesa». São pequenas incorrecções que poderemos cometer sem reparar e que impressionarão mal os outros. Devemos procurar evitá-las.

À mesa está-se direito: é feia uma atitude desmanchada, abandonada. Também se não devem apoiar os cotovelos sôbre a mesa.

Depois de comer não se afasta o prato; deixa-se ficar até que o venham tirar.

Não se deve reparar no que as outras pessoas comem.

Mas devemos pensar nos outros para não nos servirmos egoïstamente do melhor ou em tal quantidade que não chegue para mais ninguém.

Não se fala com a bôca cheia, nem se bebe com a bôca suja. Antes de beber deve-se limpar primeiro a bôca.

Nunca se leva a comida com a faca à bôca.

Não nos devemos servir da faca ou do garfo com que estamos a comer para nos servirmos da travessa.

Não se deve fazer ruído a mastigar.

Não se bebe um copo cheio duma só vez; vai-se bebendo aos poucos.

Deve-se comer tudo o que se deita no prato, mas é feio rapar de tal modo o môlho que o prato fique como se estivesse limpo.

Não se deve encher demasiado o prato. Mais vale servirmo-nos duas vezes.

O copo também não se deve encher inteiramente, quási a deitar por fóra.

Não se molha o pão no môlho com os dedos; tira-se o pão com o garfo.

A carne, a não ser para as crianças, não se deve partir no prato tôda aos bocadinhos, vai-se partindo à medida que se come.

Não se devem tirar as coisas da travessa fazendo-as escorregar da travessa para o prato.

Benedicite — Chardin

O pão não se corta com a faca; parte-se com a mão, mas não é bonito dividir o pão todo em bocadinhos e pô-lo assim sôbre a toalha. Vai-se partindo á medida que se vai comendo.

O café e o chá bebem-se pela chavena; não se deitam no pires, por mais quentes que estejam.

À não ser às crianças, não se põe o guardanapo ao pescoço: coloca-se sôbre os joelhos meio desdobrado.

À mesa não se deve falar em coisas que causem nojo, ou tristeza. Também não é lugar para ralhos e zangas.

Devemo-nos mostrar bem dispostos e alegres, mantendo uma conversa agradável.

Devemos sempre lavar as mãos e dar um geito à *toilette* antes de irmos para a mesa: cabelo bem penteado, vestuário limpo e em ordem, etc.

Em alguns lares cristãos ainda hoje se conserva o lindo costume de rezar antes e depois das refeições. As orações variam, mas as fórmulas litúrgicas são estas:

Antes da refeição: (Benzendo-se: Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo). «Abençoai-nos, Senhor, e abençoai também estes alimentos que nos deste por Vossa bondade e que nós vamos tomar. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amen».

Depois da refeição: (Benzendo-se: Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo) «Nós vos damos graças, Senhor Deus Omnipotente, por todos os benefícios que recebemos de Vós, que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos Amen».

Se é de Deus que nós recebemos o pão nosso de cada dia, não é tão justo que lho agradeçamos?

Na vida de alguns santos contam-se milagres que mostram como é agradável a Deus a oração em que lhe pedimos para abençoar os alimentos que vamos tomar. Um dia, em que S.ta Clara rezava o «Benedicite», acompanhando as palavras com o gesto duma cruz sôbre o pão, a cruz ficou nêle marcada.

TRABALHOS DE MAOS

UMA LINDA TOALHA DE CHÁ

Êste trabalho faz-se por gôsto, tão lindo e simples êle é.

A toalha é tôda semeada de raminhos, uns maiores e outros mais pequenos.

Cada raminho dos que formam o grupo dos 3, é bordado em tons diferentes.

Um, em três tons de rosa; outro, em três tons de amarelo; e o outro, em dois tons de azul e um branco.

O centro das flores é um nòzinho amarelo.

As folhas e os pés são em verde.

Se o bordado fôr feito em linha *Moulinet*, empregam-se vários fios.

RESPOSTAS AO CONCURSO DAS LUSITAS

Desejo entrar no concurso da História aberto no jornal da Mocidade Portuguesa Feminina. Vou já dar a minha opinião. O rei que mais gosto é D. Afonso Henriques por ser um rei muito valente, alargando o nosso território por conquistas feitas aos mouros. Além disto foi o fundador da monarquia portuguesa.

Maria Catarina Romano Parreira
Infanta do Centro n.º 4 de Alfundão — Idade 13 anos.

●

A figura da História de Portugal que mais me interessa é D. Afonso Henriques. Porque foi êle o fundador da nossa nacionalidade fazendo do condado Portucalense o reino independente de Portugal.

Maria Antonieta Sacadura — 11 anos
Rua Pinheiro Chagas, Coimbra.

●

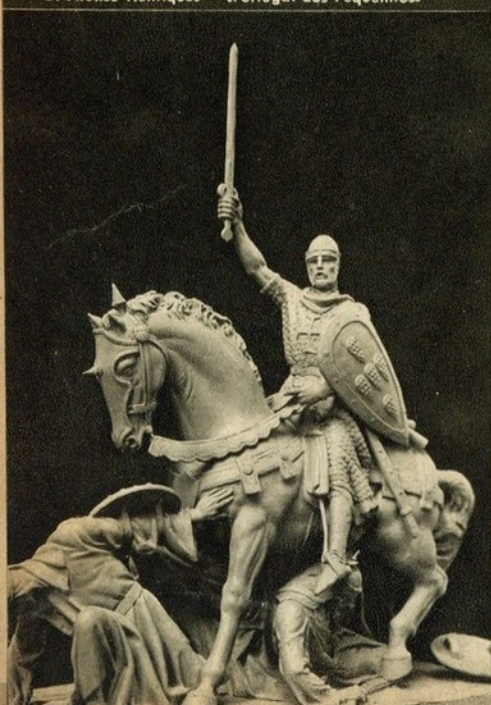
A figura da história de Portugal que mais me interessa é D. Nuno Álvares Pereira.

Gosto mais de D. Nuno Álvares Pereira porque foi um heroi e ajudou D. João I na batalha de Aljubarrota e foi um beato com muita religião.

Maria Domingas de Mendoça Folque — Idade 8 anos.

●

Entre os vultos da nossa História aquele de que mais gosto é o de Nuno Álvares Pereira.

D. Afonso Henriques — «Portugal dos Pequenitos»

Êste grande heroi, pela lealdade com que serviu o seu rei e a sua pátria, pela valentia com que afrontou todos os perigos e privações, legou à Mocidade vindoura os melhores exemplos para despertar nela os mais elevados sentimentos da fé, da honra, e de amor pátrio.

Foi chamado o Santo Condestável e com razão, porque depois de heroi foi Santo.

Nuno Álvares Pereira nasceu em Lisboa e, imortalisou-se em quási todas as batalhas, contra D. João I de Castela, em que os portugueses ficaram vencedores, mas principalmente na gloriosa vitória de Aljubarrota, em 14 de Agosto de 1385.

Em 1415 recolheu-se ao Convento do Carmo que mandara fazer, e aí morreu em 1431.

Maria de Lourdes Horta e Costa Henriques — Idade 10 anos — Rua Gomes Freire, 79, Coimbra.

●

A figura da História de Portugal que mais me interessa, é D. Afonso Henriques, porque foi êle o fundador da nossa nacionalidade, e se não fôsse êle, nós não eramos portugueses como somos, e que para nós é uma grande honra!

Maria Isabel Cortez Pinto — Idade 10 anos.

●

A figura da História de Portugal que mais me interessa é D. Afonso Henriques porque a êle devemos a nossa Nacionalidade.

Maria Joana de Mendoça Folque (Valle de Reis)
Idade 11 anos

●

A figura da História de Portugal que mais me interessa é a Rainha D. Leonor mulher de D. João II.

Escolhi uma mulher porque não poderia seguir o exemplo dum homem, a-pesar de admirar muito os nossos herois.

Escolhi a Rainha D. Leonor, que foi mulher dum grande rei e que além disso, pela sua bondade, criou as Misericórdias que servem para proteger os velhinhos, as criancinhas e os doentes. Quando morreu o seu filho teve um grande desgôsto, mas não perdeu o entusiasmo pela Pátria e continuou sempre a tratar dos desgraçados com carinho de mãi. Mas admiro também muito as outras grandes Mulheres Portuguesas, exemplos da Mocidade Portuguesa Feminina. — Rainha Santa Isabel, D. Filipa de Lencastre, Princesa Santa Joana, D. Filipa de Vilhena e D. Mariana de Lencastre.

Maria Leonor Couceiro da Costa — Idade 7 anos.

●

A figura da História Pátria que mais que interessa é a de D. Afonso Henriques.

E porquê?

Porque foi êle que, apesar de ser filho dum francês mas nascendo e baptisando-se no Condado Portucalense, conquistou palmo a palmo o terreno que havia de tornar-se um país livre e independente; que libertou Portugal (antigamente Portuscale) da soberania espanhola, não esitando em combater contra a própria mãi por causa da coroa; que expulsou os mouros dêste pequenino Condado, que então era do Minho ao Tejo.

Para alargar Portugal e impor a Fé cristã tomou aos mouros Lisboa, na conquista da qual foi ajudado por Cruzados flamengos, alemãis e franceses; Leiria (que então era só o Castelo e umas pequeninas mediações) Alcácer do Sal, Beja, E'vora e tantas outras terras; porque foi notável o seu espírito guerreiro em tantas batalhas como: Ourique, contra os mouros, Cerneja e Valdevez contra os Castelhanos; mais tarde em Samora foi-lhe concedido o título de Rei, que já usava desde a batalha de Ourique, fazendo a paz com o rei Castelhano de Tuy.

Conta-se que N. Senhor Jesus Cristo apareceu a Afonso Henriques, antes de êle começar a batalha de Ourique (porque os reis portugueses antes das batalhas, oravam sempre) e disse-lhe ante a visão da Cruz: «In hoc signo vinces».

«Com êste sinal vencerás».

Eis um pequenino resumo de tudo aquilo que D. Afonso Henriques fez, mas não é por isto que êle me interessa mais que os outros, mas sim por êle ter fundado a nossa Pátria, o nosso querido Portugal, que êste ano completa oito séculos de história, graças a êsse Afonso Henriques, que agora nos deixa dizer com orgulho:

«Somos filhos de Portugal».

Maria Moreira Duarte Carvalhão — Idade 13 anos.
Filiada n.º 19.455 — Leiria.

Solução das Charadas e Adivinhas

Portugal — Panela — Apóstolo — Maria

Que vos impressionou mais na Exposição do Mundo Português?

1.º Sob o ponto de vista patriótico?

2.º Sob o ponto de vista artístico?

Enviai-nos as vossas respostas para o Boletim da M. P. F. — Praça Marquês de Pombal, 8 — LISBOA.

NOTA: *Esta página hoje é dedicada às LUSITAS, mas as preguntas que fazemos dirigem-se a TODAS as filiadas.*